

A sátira na poesia de Gregório de Matos Guerra: uma análise da natureza da sátira na visão crítica de Lukács

Fernanda Diniz Ferreira¹

Resumo

O presente estudo consiste em apresentar uma análise crítica do soneto “*Neste mundo é mais rico, o que mais rapa*”, de Gregório de Matos Guerra. O objetivo é analisar como a sátira se constitui no poema. O poema satírico de Gregório foi escrito no contexto do Barroco brasileiro, estilo literário que surge no final do Renascimento Cultural. No Brasil, o cenário da obra do poeta se volta para a Bahia do século XVI, período do domínio da coroa portuguesa nas terras brasileiras. Para execução deste trabalho, escolhemos a sátira como categoria analítica, a fim de verificar o seu funcionamento no estilo gregoriano, bem como estudar a própria natureza da sátira na literatura. Dentre os estilos lírico-amoroso, lírico-religioso e satírico, é este último o que mais marca a poesia de Gregório de Matos, visto que a forma rebuscada como compôs enxerta uma forte crítica à Bahia (Brasil) seiscentista que passava por fortes contradições em pleno século XVII. É, pois, por causa da essência dos seus poemas satíricos que Gregório passa a ser conhecido nesse cenário do Brasil colonial como “Boca do inferno”, epíteto herdado por causa da linguagem dos seus poemas, por vezes de teor sarcástico, irônico. Para tanto, tomamos como base teórica o estudo “A questão da sátira”, de György Lukács, contido no livro *Arte e sociedade: escritos estéticos*. Os conceitos sobre a natureza da sátira na literatura corroboram para uma explanação mais consistente no tocante à estética que aqui propomos analisar. Em Lukács, o estudo da sátira é tratado com profundidade, pois traz à discussão o pensamento de Hegel sobre o assunto, como também outros pensadores, na tentativa de estabelecer uma poética da sátira. Decerto, a questão da sátira é um tema pouco explorado e até esquecido nos estudos literários, seja pela falta de interesse por parte de pesquisadores seja pela falta de uma vasta fortuna crítica. No entanto, a sátira é um ponto que merece, sim, ser investigado, uma vez que há obras de conteúdo satírico escritas em vários momentos da história da literatura, desde a antiguidade.

Palavras-chave: a natureza da sátira, crítica social, sacarmos, linguagem.

Introdução

O presente estudo consiste em apresentar uma análise crítica do soneto de Gregório de Matos Guerra², *Neste mundo é mais rico, o que mais rapa*. O objetivo é analisar como a sátira se constitui no poema. O poema satírico de Gregório foi escrito no contexto do Barroco brasileiro, estilo literário que surge no final do Renascimento Cultural. No Brasil, o cenário da obra do poeta se volta para a Bahia do século XVI, período do domínio da coroa portuguesa nas terras brasileiras.

Para execução deste trabalho, escolhemos a sátira como categoria analítica, a fim de verificar o seu funcionamento no estilo gregoriano, bem como estudar a própria natureza da sátira na literatura. Dentre os estilos lírico-amoroso, lírico-religioso e

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina de Literatura Brasileira I, sobre orientação do professor Dr. Arturo Gouveia de Araújo, no curso de Letras – Português em 2014.1.

² <http://www.jornaldepoesia.jor.br/gregoi06.html>

satírico, é este último o que mais marca a poesia de Gregório de Matos, visto que a forma rebuscada como compôs enxerta uma forte crítica à Bahia (Brasil) seiscentista que passava por contradições em pleno século XVII. É, pois, por causa da essência dos seus poemas satíricos que Gregório passa a ser conhecido nesse cenário do Brasil colonial como “Boca do inferno”, epíteto herdado por causa da linguagem dos seus poemas, por vezes de teor sarcástico, irônico etc.

Para tanto, tomamos como base teórica o estudo “A questão da sátira”, de György Lukács, contido no livro *Arte e sociedade: escritos estéticos*³. Os conceitos sobre a natureza da sátira na literatura corroboram para uma explanação mais consistente no tocante à estética que aqui propomos analisar. Em Lukács, o estudo da sátira é tratado com profundidade, pois traz à discussão o pensamento de Hegel sobre o assunto, como também outros pensadores, na tentativa de estabelecer uma poética da sátira. Decerto, a questão da sátira é um tema pouco explorado e até esquecido nos estudos literários, seja pela falta de interesse por parte de pesquisadores, seja pela falta de uma vasta fortuna crítica. No entanto, a sátira é um ponto que merece, sim, ser investigado, uma vez que há obras de conteúdo satírico escritas em vários momentos da história da literatura, desde a antiguidade.

A sátira como recurso crítico de denúncia no século XVII

A escolha do *corpus* foi motivada pelo fato de o poema satírico ser a parte da obra de Gregório de Matos que mais marca as denúncias de um Brasil colonial cheio de contradições morais, administrativas, religiosas etc. A questão do jogo de palavras e imagens satíricas colaboram significativamente para uma crítica forte nas instâncias coloniais seiscentistas. Para governar a Bahia do século XVII, não era necessário saber governar, pois não bastava ter conhecimento sobre as leis que regem um país, mas sim possuir *status*. Gregório denuncia através do poema escolhido para análise, exatamente essa incompetência administrativa, a corrupção da Igreja, e a passividade da população em relação a essa situação.

Nesse sentido, escolhemos a “sátira” como categoria analítica para explorar a natureza da sátira na literatura, especialmente, no soneto de Gregório de Matos, porque

³ LUKÁCS, Gyorgy. A questão da sátira. *Arte e sociedade: escritos estéticos*. 1932-1967/ organização, apresentação e tradução Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro. Editora: UFRJ, 2009, p. 163-191.

percebemos que esse estilo imprime no poema gregoriano uma crítica mordaz e combativa ao sistema colonial no período do Barroco, no Brasil. Os textos literários, quer na poesia, quer na narrativa, usam a sátira como elemento essencial na composição artística. Consideramos, ainda, o motivo da nossa escolha pelo fato de ser essa categoria pouco explorada na literatura, ao contrário da ironia, que está presente em todos os gêneros literários e é comumente mais explorada nos estudos literários do que a sátira.

O motivo da escolha dessa categoria também está ligado à escassez de estudos, no que se refere à exploração da sátira na literatura. Apesar de ser uma forma já trabalhada nos textos literários desde a antiguidade, não há uma vasta fortuna crítica disponível para leitura e estudo. Consideramos, pois, que a escolha de tal categoria é cabível ao que nos propomos trabalhar.

Para a execução deste trabalho, selecionamos como base teórica a tese de György Lukács, que faz um estudo acerca da sátira e nos mostra como esta é concebida, como se forma, com que finalidade e como atua. Esse estudo de Lukács é de fundamental importância, pois elucida o mistério que rodeia a concepção do que é a sátira. Primeiramente, a explanação do assunto pelo pensador parte da concepção de Hegel, tomando seguidamente a concepção de outros pensadores alemães para se chegar a uma poética da sátira.

Nesse sentido, escolhemos trabalhar o soneto *“Neste mundo é mais rico, o que mais rapa”*, por ser um dos poemas, mais expressivos da crítica satírica gregoriana e porque fala sobre subversão dos valores, em uma sociedade que privilegia os desonestos e corruptos para administrar o poder. Nessa medida, o eu-satírico dá um ritmo especial ao poema, pois ele faz uma brincadeira com as palavras, como também com os sons. Por isso, é possível perceber essa característica no último verso da última estrofe em: *“apa, epa, ipa, opa upa”*, visto que o eu-satírico usa, por meio da linguagem, um tom sarcástico, deixando, assim, transparecer de forma explícita e direta a sua crítica em relação à situação em que se encontrava a Bahia do século XVII. Ainda no tocante ao poema, o eu-satírico critica de forma voraz o governo e a população.

Portanto, são de grande serventia para o poema de Gregório de Matos os estudos de György Lukács sobre a sátira, propiciando consistência a este trabalho de análise crítica.

O poema de Gregório de Matos e a relação com a sátira lukacsiana

Os séculos XV e XVI foram os períodos em que a Europa intensificou sua produção artística e científica antimedieval. Este momento é marcado pela eclosão do Renascimento Cultural e, junto com ele, floresceu o Barroco.

A arte, a filosofia, a música, as ciências, e não mais a Igreja, começam a ganhar espaço na sociedade, tendo o homem como centro do conhecimento.

No Brasil houve certa repercussão em meados do século XVII e XVIII: Surgiam as primeiras academias que tinham como modelo a Europa nas formas do barroquismo ibérico e italiano, os principais responsáveis foram: Botelho de Oliveira, frei Itaparica e Gregório de Matos.

Na literatura, a figura mais emblemática, sem dúvida, foi a de Gregório de Matos Guerra, pois ele foi o responsável pelas primeiras manifestações literárias. Parte dos seus poemas têm uma produção literária rica no que se refere à sátira, um aspecto bem acentuado em suas obras. Isto revelava as contradições do Brasil do século XVII, que tinha como capital a Bahia. Grande parte de seus poemas satíricos giram em torno da situação em que se encontrava a capital do Brasil. Era através de sua linguagem sarcástica, irônica, que denunciava as corrupções do governo da Bahia, assim como os desmandos administrativos, a incompetência política, a postura da Igreja e a passividade da população frente aos problemas sociais.

O estudo de Lukács, intitulado “A questão da sátira”, é uma reflexão filosófica sobre a natureza da sátira. Para Lukács a sátira não é um gênero literário, pois apresenta características estilísticas que não chegam a defini-la como tal. Inicialmente, ele divide a discussão em partes, a fim de propor um ponto de partida sobre o que é a sátira, situando-a em vários contextos de uso na literatura, como também a visão da filosofia alemã, na definição do que se entende por satírico, tanto na forma quanto no conteúdo.

A sátira é vista como uma forma de romper com a natureza. Compreende-se esta natureza no sentido de estado primeiro das coisas, isto é, a natureza está ligada à essência da forma como as coisas realmente são.

De acordo com Lukács a

[...] sátira é concebida como uma das formas que surgem quando o poeta rompe com a ‘natureza’, ou seja, quando perde a ligação ingênua que o unia à natureza. Por isso, diz Schiller: ‘O poeta pode ser dito satírico quando toma como objeto [...] o afastamento das coisas em relação à natureza e a contradição entre a realidade e o ideal (LUKÁCS, 2009, p. 163).

Com efeito, podemos dizer que o poeta, ao romper com a natureza, está quebrando as estruturas sociais no sentido de se contrapor à realidade vigente na sociedade e o seu ideal.

Nesse sentido, o título: “*Neste mundo é mais rico o que mais rapa*”, inicia-se com uma crítica à sociedade colonial, que é constante a cada estrofe. Isso se dá devido à necessidade que o eu-satírico tem de expor a postura da nobreza em relação ao poder. Observemos o primeiro quarteto:

Neste mundo é mais rico, o que mais rapa;
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa;
Com sua língua ao nobre o vil decepa;
O velhaco maior sempre tem capa.

Neste primeiro verso o eu-satírico faz uma crítica à situação em que a Bahia se encontrava no século XVII, sendo explorada pela corrupção da nobreza. Enfatiza-se a palavra “*rapa*”, significando que quem enriquece é aquele que trapaceia, isto é, quem rouba. Assim sendo, na crítica do eu-satírico, pessoas bem sucedidas são aquelas que são oportunistas. Contraditoriamente, a ideia que temos de pessoas bem sucedidas, são aquelas que trabalham bastante para obter a riqueza. No segundo verso, a frase inicia-se com uma antítese, que podemos analisar do seguinte modo: como é que um indivíduo pode ser tão limpo e ter “*carepa*”, ou seja, ter caspa, ser sujo? Isso mostra um contraste em relação a pessoas de linhagens nobres, que são considerados por seu *status*, pessoas honestas, íntegras, alguém a quem é confiado um país. Porém, tornam-se pessoas sem caráter; isto é caracterizado pelo emprego da palavra *carepa*, como forma de denunciar os pensamentos e práticas perversas e cruéis dos indivíduos sujos que estão no poder.

No terceiro verso, o eu-satírico faz uma inversão sintática na frase, que na ordem direta ficaria assim “*O vil decepa ao nobre com sua língua*”. Isto não é à toa: usa-se este recurso para criar um efeito satírico, não só desconstruindo a imagem desse nobre, mas também mostrando a realidade conforme ela se desenha. Ainda no tocante a este nobre, percebemos que a crítica é bem mais feroz no quarto verso, em que o eu-satírico se refere ao termo “*velhaco*”, que pode ter dois sentidos: o primeiro refere-se àquela pessoa que deve e não paga, ou pode se referir apenas ao mais velho, no sentido de experiência ou idade também. Por ser o maior, não é qualquer homem, mas é alguém que goza *status* social, financeiro e político; pessoa de plena confiança da nobreza. Todavia, o que é mais interessante é a *capa* utilizada por esse indivíduo, empregada de

forma mordaz, quando se refere à personalidade, ao caráter, em que está disfarçado com essa capa, isto é, com essa outra identidade que não é a sua de fato. Mas, a “capa” pode também apresentar o sentido de proteção, ou seja, esse “Velhaco maior”, que é um indivíduo de má índole, usa de seu poder para usufruir dos bens administrativos da colônia e que é sempre bem protegido por alguém da nobreza, ocultando-lhe os malfeitos, tomando proveito da situação por ser alguém do seu ciclo social, tornando, assim, uma pessoa forte política e socialmente.

Segundo Lukács a

‘sátira direta ou positiva mantém expressamente o ideal em contato com o real, denuncia sua baixeza por meio de um ataque aberto e se inscreve assim, do modo mais decidido, na separação prosaica entre a ideia e o mundo’ (LUKÁCS, 2009, p. 166).

Nesse sentido, a crítica usada pelo eu-satírico está representada na sátira através de palavras que denunciam diretamente a ética administrativa e moral da colônia, por conter um teor ora voraz ora brando, mas sem se afastar de uma representação artística literária.

Notemos que o soneto se desenvolve em forma de metalinguagem, isto é, a linguagem procura explicar-se através da própria linguagem. Podemos entender melhor tal questão por meio do segundo quarteto:

Mostra o patife da nobreza o mapa;
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;
Quem menos falar pode, mais increpa:
Quem dinheiro tiver pode ser Papa.

No primeiro verso acima, há novamente uma referência à nobreza da colônia através da palavra “*patife*”, que tem um sentido de indivíduo canalha, sem dignidade, mas é respeitado por ocupar um cargo elevado, de prestígio político. A própria expressão “*mapa*” nos remete a várias interpretações, dentre elas o sentido de descoberta e posse de terras, ou apenas a representação de uma cidade, que no caso deduzimos que é a Bahia, capital do Brasil na época. O segundo verso reafirma o que foi dito no verso anterior, só que de forma bem mais clara através das palavras “*agarrar*” e “*trepa*”, pois a primeira refere-se à agilidade e esperteza dos que detêm o poder, enquanto esta faz referência a subir, ou seja, ascender socialmente e economicamente na história política.

No terceiro verso, o “eu” do poema mostra que a pessoa que mais reclama e mais censura a situação é o que menos pode falar dessa situação social caótica, porque ele também é sujo e corrupto. Portanto, o indivíduo não tem razão para fazer crítica da situação em que o país se encontra, porque ele também é responsável por esse declínio.

No quarto verso, o termo “*Papa*” foi empregado de forma irônica e sarcástica, podendo ser interpretado de duas maneiras. A primeira é no sentido de *ascender* socialmente, porque critica a postura da Igreja. Em outras palavras, basta ter dinheiro que o cargo de Papa é garantido. A segunda interpretação a que chegamos consiste numa crítica à Igreja, em relação aos acúmulos de bens. Com efeito, não podemos deixar de perceber a dessacralização da imagem do Papa, visto que o eu-satírico desconstrói a imagem de “santo” do líder soberano da Igreja Católica Apostólica Romana. Nesse sentido, a mentira usada pela Igreja Católica desconstrói o que está escrito na Bíblia quando Jesus diz a Pedro⁴: “*E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha igreja*”.

De acordo com Lukács (2009, p. 173), “o efeito satírico do evento real se apóia no fato de que consideramos o estado social, o sistema, a classe social etc”. Nessa medida, podemos observar que o efeito satírico não produziu o cômico. Sua finalidade foi transmitir o impacto de uma sociedade de forma que o real fosse figurado no plano do conteúdo.

Nos últimos dois tercetos do soneto, é perceptível um esquema rítmico e de rimas que confere um valor ainda maior ao poema, enfatizando a provocação ao sistema social da época, como pode ser observado no seguinte trecho:

A flor baixa se inculca por Tulipa;
Bengala hoje na mão, ontem garlopa:
Mais isento se mostra, o que mais chupa.

Nessa medida, no primeiro verso a expressão “*flor baixa*” pode estar fazendo referência ao órgão genital feminino, isto é, às mulheres nobres da colônia; aquela que se passa por nobre, mas têm um caráter bem diferente em relação a sua posição social. Mas pode também está fazendo referência à imagem do homem nobre – aquele que é baixo e se passa por nobre na sociedade, mostrando uma realidade que não condiz com sua representação.

⁴ Cf. Mateus 16: 18. **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional. Traduzida pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

Já a expressão “*Tulipa*”, que é um tipo de flor nobre, reforça a ideia exposta pelo eu-satírico, ao se referir ao homem que está no poder – dando assim mais ênfase ao discurso. Já as palavras “*bengala*” e “*garlopa*”, por sua vez, referem-se a um tipo de comparação. A “*garlopa*” é um instrumento de carpinteiro, comum por ser utilizado por pessoas que trabalham em carpintaria. A “*bengala*”, por sua vez, é um símbolo que, nesta época, denotava *status*, pois os que a possuíam eram ricos. Assim, o eu-satírico mostra que esse nobre um dia foi um trabalhador comum, mas que, por vantagem, se encontra em lugar de destaque. O último verso mostra a expressão “*mais chupa*”, referindo-se ao que tira proveito da situação social. Em outras palavras, os que mais roubam são os que menos sofrem as penas imputadas pelo Estado. Dessa forma, o eu-satírico se utiliza novamente da linguagem irônica para combater a corrupção dos administradores da colônia. É justamente em virtude disso que o

autor satírico combate sempre uma situação social, uma tendência da evolução social; mais concretamente, ainda que nem sempre os próprios autores estejam conscientes disso, ele combate uma classe, uma sociedade de classe. O combate, como vimos, deve ser dirigido contra os vícios essenciais, contra os abusos essenciais de uma dada ordem social, se é que sátira pretende realmente atingir um nível elevado e figurar efetivamente, no fenômeno satiricamente representado, a essência desta classe e desta sociedade (LUKÁCS, 2009, p. 180).

Com efeito, a sátira aqui é utilizada como procedimento que critica um sistema social, seus costumes, suas ideias, seus representantes, bem como sua forma de governar, e tudo que se refere à instância social. Por essa razão, entendemos que na sátira quem é criticado são as instituições e aqueles que as representam. Vale salientar que Gregório de Matos fazia parte de uma classe nobre, e tinha uma boa formação humanística, mas que não concordava com os desafetos políticos nem sociais sofridos pela sociedade.

Para Lukács,

[...] A classe progressista, ligada objetivamente ao desenvolvimento da sociedade (com base no desenvolvimento das forças produtivas) é capaz de criticar com maior precisão a classe cuja existência se vincula às velhas relações de produção que devem ser superadas (LUKÁCS, 2009, p. 180).

Então podemos dizer que o autor satírico pertence, na maioria das vezes, a uma classe dominante, mas luta contra as ideologias dessa mesma classe.

No último terceto do poema há aliterações constantes de consoantes, o que dá ao poema um ritmo e uma sonoridade bem particular:

Para a tropa do trapo vazio a tripa,
E mais não digo, porque a Musa topa
Em apa, epa, ipa, opa upa.

No primeiro verso do segundo terceto, as palavras “*tropa*”, “*trapo*” e “*tripa*” representam uma aliteração através da repetição das consoantes [tr] e [p] enfatizam a manifestação de raiva, dá ideia de uma tropa marchando, mas também podemos comparar com o som bem peculiar quando estamos expelindo fezes, ou até mesmo os sons de gases expelidos pelo corpo humano. Já no segundo verso, o termo “Musa”, que vem de origem grega Μουσαι, significa deusa, consideradas as fontes de inspirações para os poetas. De acordo com Pierre Grimal⁵, as musas são divindades responsáveis ao canto e outras artes. Assim, as musas são inspiradoras, fontes da arte, e que têm linhagem divina e um caráter solene. Ao contrário da referência que é feita às musas no trecho do poema acima, há uma descaracterização e uma ridicularização da imagem da musa, limitando-a processos de excrementos, cujo papel é “vazar a tripa” e não inspirar. Desse modo, surge um paradoxo, como em relação à função que é dada à musa.

O soneto finaliza com as onomatopéias “*apa, epa, ipa, opa, upa*”, pois o eu-satírico utiliza essa construção de sons para mostrar o esvaziamento dessa “tripa”, ou seja, a eliminação de tudo que é ruim, utilizando a “musa” como mediadora desse discurso. Este é o sentido que a sátira mostra na indignação, no desprezo, no ódio pela situação social da cidade da Bahia.

De acordo com Lukács,

para que nasçam verdadeiras sátiras, esta crítica deve se enriquecer com um matiz particular, ou seja, o que nasce da indignação, do desprezo e de um ódio tornado clarividências graças à paixão, à reflexão e à compreensão do real. É graças a esta clarividência em face dos sintomas mais insignificantes, das virtualidades mais contingentes de um sistema social, que a sátira percebe e figura a doença deste sistema (LUKÁCS, 2009, p. 181-182).

Como vimos, a sátira se constitui a partir de uma falha social. Ela detecta irregularidades nas instituições e nas pessoas que as administram. Desse modo, a sátira entra como um recurso ou procedimento que critica esse sistema social.

Convém dizer ainda que a crítica ao comportamento de uma dada sociedade é a reação de uma insatisfação, perante o descaso em que se encontra o cumprimento dos

⁵ GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia**: grega e romana. Tradução: Victor Jabouille. Ed. 5. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005.

deveres dos cidadãos, e, principalmente, daqueles que estão no poder, no tocante ao zelo do progresso e da ordem pública. É, portanto, nessa perspectiva que sátira gregoriana caminha: combatendo as desordens sociais, morais, administrativas, dentre outras, que se constituem como práticas geradas da ambição dos indivíduos na sociedade.

Considerações finais

Diante do exposto, podemos perceber que a categoria da sátira no poema é marca bastante forte na crítica dos poemas de Gregório de Matos, pois toma o satírico como meio para denunciar as irregularidades de uma sociedade, em que se vive à mercê da administração da nobreza, mas também ridicularizar a passividade da população e a corrupção da Igreja. Desse modo, o soneto se constrói a partir dessa insatisfação social e política, e é por meio dele que o eu-satírico expõe sua indignação em relação às condições em que se encontrava a Bahia.

Percebemos que, além dessas críticas, há outro aspecto bem interessante no soneto gregoriano: a relação entre o ritmo e as rimas; as figuras de linguagem recorrentes no poema, dando assim mais veracidade e ênfase ao que está sendo dito. Além disso, conseguimos alcançar nosso objetivo proposto no tocante à análise estabelecida, pois esta nos mostrou o papel da sátira no poema, cujo conteúdo se caracteriza como uma crítica que visa denunciar e combater um sistema de exploração e corrupção dos valores e princípios sociais.

É legítimo, também, confirmar a visão de György Lukács no que concerne ao estudo da sátira, pois seu estudo deu consistência aos nossos argumentos e nos levou a um patamar mais elevado sobre a compreensão da natureza da sátira na literatura.

Referências

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Nova versão internacional. Traduzida pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia**: grega e romana. Tradução: Victor Jabouille. Ed. 5. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2005.

GUERRA, Gregório de Matos. Neste mundo é mais rico o, que mais rapa. In <http://www.jornaldepoesia.jor.br/gregoi06.html>. Acessado em: 17/05/2014 - 14h25.

LUKÁCS, Gyorgy. A questão da sátira. **Arte e sociedade**: escritos estéticos. 1932-1967/ organização, apresentação e tradução Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro. Editora: UFRJ, 2009, p. 163-191.